

MOTIVOS DO USO DE FÓRMULA NA ALTA HOSPITALAR

MARIANI DA SILVA EINHARDT¹; GABRIELA BRAUN PETRY²; VIVIANE MARTEN MILBRATH³; DEISI CARDOSO SOARES⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – nanieinhardt@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – petrygabih@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - martenmilbrathviviane@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - soaresdeisi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A amamentação, ao longo da história, tem sido profundamente influenciada por fatores sociais, econômicos e culturais, enquanto o uso de alimentação artificial remonta aos tempos antigos. Desde os séculos V e VII na Grécia, há indícios do uso de objetos para alimentar bebês que não o seio materno. No entanto, o aleitamento materno foi muitas vezes considerado um tabu desde os primórdios da civilização, com crenças negativas que levavam as mulheres a temer o envelhecimento precoce ou acreditar que as crianças "roubavam" suas energias e afetos. Essas crenças deram origem à prática de alimentar as crianças com pequenos chifres contendo leite de vaca misturado com água, precursora do que conhecemos hoje como mamadeira. No contexto brasileiro, a história da amamentação remonta aos séculos XVI e XVII, com práticas indígenas de amamentação exclusiva até um ano e meio. No entanto, com a colonização e a disseminação de doenças, o uso de leite artificial se tornou mais comum (BOSI, MACHADO, 2005; GOMES *et al*, 2016).

Hoje, reconhecemos o leite materno como o alimento mais completo e benéfico para os bebês, com a recomendação da Organização Mundial da Saúde de amamentar exclusivamente nos primeiros seis meses de vida e complementar até os dois anos. No entanto, o estabelecimento bem-sucedido da amamentação pode ser um desafio, com diversos fatores, como falta de informação, crenças culturais, hospitalização da criança ao nascer, falta de apoio e o uso de mamadeiras e chupetas, interferindo no processo (ARRUDA, *et al*, 2018; DOMINGUEZ *et al*, 2017; DIAS *et al*, 2022).

Neste contexto, surge o objetivo deste estudo foi verificar os motivos para o uso de fórmulas infantis em lactentes na alta hospitalar.

METODOLOGIA

O presente estudo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado: O uso de fórmula infantil na alta hospitalar: um estudo documental. A pesquisa foi realizada de fevereiro a maio de 2023. A amostra contemplou 74 prontuários dos lactentes e suas genitoras com alta hospitalar, da Unidade de Cuidados Intermediários Canguru (UCINCa), em uso de fórmula exclusiva ou mista, no período entre 01 de janeiro de 2022 e 31 de dezembro de 2022. Foram excluídos os prontuários que não continham informações sobre a alimentação ou que foram transferidos para outras unidades de saúde.

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora e uma bolsista de iniciação científica, de fevereiro a maio de 2023, através dos prontuários eletrônicos disponíveis no Aplicativo de Gestão para Hospitais Universitários. Os



dados foram inseridos em um formulário contendo todas as variáveis estipuladas, no *Google forms*, e após a finalização o mesmo foi exportado para o Excel, constituindo então o banco de dados. Neste resumo foi selecionada para discussão as variáveis referentes as características das crianças e as que constituíam o motivo do uso de fórmula na alta hospitalar. Os dados foram analisados no programa *Stata 12.0*, através de análise de estatística descritiva por meio de média e desvio padrão, assim como frequência absoluta e relativa.

O projeto de pesquisa foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de ética em pesquisa da Faculdade de Enfermagem sob parecer nº 5.861.167.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 74 prontuários selecionados, 56,7% dos lactentes são do sexo feminino e 43,2% do masculino, 73% eram prematuros e mais da metade apresentou baixo peso, no entanto 71,6% tinham o tamanho adequado para idade gestacional, A gemelaridade se fez presente em 24,3% dos lactentes e somente quatro apresentaram malformação ao nascer.

Conforme a Tabela 1, os motivos para o uso de fórmula na alta incluíram complementação do leite materno 25%, solicitação materna 12,5% e baixa produção de leite 11,3%, com uma porcentagem menor relacionada a indicações médicas específicas, como em casos de mães positivo para o vírus da imunodeficiência humana ou uso de substâncias psicoativas.

Além desses fatores, também foi identificado a necessidade de ganho de peso, por déficit de sucção, Alergia a Proteína do Leite de Vaca (APLV), gestações múltiplas, prematuridade, uso de sonda ou gastrostomia na alta hospitalar, dificuldades na amamentação e a impossibilidade materna devido a patologias prévias.

Tabela 1. Motivos do uso de fórmula dos lactentes que nasceram e estiveram internados de janeiro de 2022 a dezembro de 2022 com alta hospitalar utilizando fórmula. Pelotas-RS

Motivo do uso de fórmula na alta hospitalar		
Motivos	Frequência	Percentual
Complementar o AME	22	25
Ganho de Peso	4	4,5
Solicitação materna	11	12,5
Déficit de Sucção	5	5,6
Mãe HIV+	7	7,9
Baixa produção de leite	10	11,3
Gemelaridade	3	3,4
Suspeita ou Confirmação de APLV	4	4,5
Prematuridade	2	2,2
Uso somente de fórmula em mamadeira durante a internação	8	9,0
Uso de sondas e gastrostomia	6	6,8
Dificuldade na amamentação	2	2,2
Uso de substâncias psicoativas	2	2,2
Impossibilidade materna, devido a patologias	2	2,2

Fonte: Elaborado pela autora (2023).



. A complementação do Aleitamento Materno foi apontada como motivo para o uso de fórmula em 25% dos casos, assim como a baixa produção de leite, que ocasiona a necessidade de complementação em muitos casos, foi indicada em 11,3% dos lactentes. Segundo Cordero *et al* (2019), o uso de fórmula nas primeiras horas, assim como nos primeiros dias de vida, influencia na não continuidade do aleitamento materno, fazendo com que se torne necessário o uso de fórmula como complemento. A ocorrência de baixo peso ao nascimento, seja por patologias maternas ou do lactente, também é um fator evidenciado como motivo para o uso de fórmula, em alguns casos indicado erroneamente por acreditar-se que o aleitamento materno não seja suficiente para suprir as necessidades do lactente (SILVA *et al*, 2014).

A solicitação materna também foi um fator de destaque, como motivo para o uso de fórmula, segundo Bookhart *et al* (2021) a realização com precariedade de informações do pré-natal, mulheres primíparas, histórico familiar de dificuldade na amamentação, assim como fatores sociais e culturais, fazem com que as mulheres, optem pela não realização do aleitamento materno, mesmo que indicado pelos principais órgãos de saúde.

4. CONCLUSÕES

O estudo apontou que diversos foram os motivos para o uso de fórmula, sendo elencados motivos maternos e do lactente, contudo, entre os motivos apontados, poucos eram considerados como reais indicações para o uso de fórmula. É importante destacar que o sucesso do aleitamento materno é influenciado por diversos fatores sociais, culturais, econômicos e emocionais, além de condições clínicas da mãe e do recém-nascido. Em alguns casos, patologias maternas, tempo prolongado de internação e doenças do recém-nascido podem afetar a capacidade de amamentação, levando ao uso de fórmula como complemento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, G. T. de *et al*. Existe relação da via de parto com a amamentação na primeira hora de vida?. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 2, 2018. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/7321>. Acesso em: em 09 set. 2023.

BOOKHART, L.H. *et al*. Indo além do início do aleitamento materno: um estudo qualitativo desvendando fatores que influenciam a alimentação infantil na alta hospitalar entre mulheres urbanas e socioeconomicamente desfavorecidas. **J cad Nutr Dieta**. 2021, v.121, n.9, p1704-1720. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33715976/>. Acesso em 10 nov. 2022

BOSI, M. L. M.; MACHADO, M. T. Amamentação: um resgate histórico. **Escola de Saúde Pública do Ceará**. v. 1, n. 1, p. 1-9, jul-dez. 2005. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/5/4>. Acesso em 09 set. 2023.

CORDERO, L. *et al*. Experiência prévia de amamentação e alimentação infantil na



alta entre mulheres com diabetes mellitus pré-gestacional. **J Neonatal Perinatal Med.** 2020, v. 13, n. 4, p. 563-570. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32007962/>. Acesso em 09 set. 2023.

DIAS, E.G. et al. Aleitamento materno na perspectiva de lactantes de uma unidade de saúde da família. **J. nurs. health.** 2022, v.12, n.1. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/20570>. Acesso em: 09 set. 2023.

DOMINGUEZ, C. C. et al. Dificuldades no estabelecimento da amamentação: visão das enfermeiras atuantes nas unidades básicas de saúde. **Revista Enfermagem UERJ**, 2017, v. 25, p. e14448. Disponível em: <<https://www.e70publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/14448>>. Acesso em: 10 set. 2023.

GOMES, J.M.F. et al. Amamentação no Brasil: discurso científico, programas e políticas no século XX. In: PRADO, S.D., et al. orgs. **Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede**. [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. Sabor metrópole series, v. 5, p. 475-491. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/37nz2/pdf/prado-9788575114568-23.pdf>. Acesso em: 10 set 2023.

SILVA,R.K. et al/O ganho de peso em prematuros relacionado ao tipo de leite. **Rev Eletr Enf.**, Rio Grande do Norte,.v16, p.535-541, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/21748>. Acesso em 09 set. 2023.